

METAMORFOSE E ANALEPSE EM *O MOTOQUEIRO QUE VIROU BICHO*, DE RICARDO AZEVEDO

Laila Angelica Moraes¹

125

Resumo:

A literatura juvenil contemporânea frequentemente utiliza recursos narrativos e simbólicos para representar os processos de formação da identidade humana. Nesse contexto, o romance *O motoqueiro que virou bicho*, de Ricardo Azevedo, apresenta a transformação do protagonista como uma metáfora do amadurecimento e da construção do sujeito. Este artigo tem como objetivo analisar a presença da metamorfose e da analepse na obra, investigando como esses recursos contribuem para a representação do desenvolvimento psicológico, moral e social da personagem Lúcio. Justifica-se a pesquisa pela relevância da produção de Ricardo Azevedo para a literatura brasileira contemporânea e pela necessidade de aprofundar estudos acerca das estratégias narrativas utilizadas na literatura destinada ao público juvenil. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter interpretativo, fundamentada em estudos sobre teoria da narrativa, especialmente o conceito de analepse, e sobre identidade e metamorfose humana, articulando tais referenciais à análise do romance. A investigação demonstra que a metamorfose da personagem ultrapassa a transformação física em cachorro, assumindo um significado simbólico relacionado ao processo de amadurecimento e construção identitária. Paralelamente, a utilização da analepse organiza a narrativa memorialística, permitindo ao narrador reinterpretar acontecimentos passados à luz da experiência adquirida. Conclui-se que ambos os recursos narrativos desempenham papel fundamental na construção dos sentidos da obra, evidenciando a literatura como espaço privilegiado de reflexão sobre a condição humana e os processos de transformação do indivíduo.

Palavras-chave: literatura juvenil; metamorfose; analepse; identidade; Ricardo Azevedo.

Abstract:

Contemporary young adult literature frequently employs narrative and symbolic devices to represent the processes of human identity formation. In this context, Ricardo Azevedo's novel *O motoqueiro que virou bicho* presents the protagonist's transformation as a metaphor for maturation and identity construction. This article aims to analyze the presence of metamorphosis and analepsis in the novel, investigating how these narrative devices contribute to the representation of the protagonist Lúcio's psychological, moral, and social development. The study is justified by the relevance of Ricardo Azevedo's work within contemporary Brazilian literature and by the need to deepen discussions on narrative strategies in young adult fiction. Methodologically, this is a qualitative, interpretative, bibliographical study grounded in narrative theory, particularly the concept of analepsis, as well as studies on identity and human metamorphosis, relating these theoretical perspectives to the analysis of the novel. The results

¹Graduada em Letras – Português/Espanhol e em Pedagogia pelo Centro Universitário de Votuporanga (Unifev), e em História pelo Centro Universitário Cidade Verde (UNICV). Possui especializações em Gestão Escolar; Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental; Metodologia do Ensino de Língua Inglesa e Espanhola; Psicopedagogia Institucional e Clínica; Educação Especial e Inclusiva; Ação Docente Especializada; Educação Digital; Alfabetização e Letramento; Formação e Gestão em Educação a Distância; Língua Portuguesa e Literatura em Contexto Escolar; e Ludopedagogia. E-mail: lailamoraes23@gmail.com

indicate that the protagonist's metamorphosis transcends physical transformation into a dog, assuming a symbolic meaning associated with identity formation and personal growth. Furthermore, the use of analepsis structures the memoir-like narrative, allowing the narrator to reinterpret past experiences from a mature perspective. It is concluded that both narrative devices play a central role in the construction of the novel's meanings, highlighting literature as a privileged space for reflecting on the human condition and the transformative processes of individual development.

Keywords: young adult literature; metamorphosis; analepsis; identity; Ricardo Azevedo.

INTRODUÇÃO

O romance *O motoqueiro que virou bicho*, de Ricardo Azevedo, constitui a terceira edição da obra *Lúcio vira bicho*, publicada anteriormente pelo autor. Nessa nova versão, o texto recebeu alterações estruturais, como a inserção de novas lendas e a reorganização de alguns fragmentos narrativos, preservando, entretanto, a trajetória de amadurecimento do protagonista. A narrativa apresenta estrutura predominantemente linear, permeada por momentos de retomada do passado (analepses), que contribuem para a construção da memória do narrador e para a compreensão dos acontecimentos vivenciados pela personagem.

A obra acompanha Lúcio, um jovem de dezoito anos que, após realizar os vestibulares para ingresso na universidade, decide viajar de motocicleta pela região do Vale do Paraíba, em São Paulo, em busca de descanso e novas experiências. Durante essa jornada, acontecimentos insólitos alteram o rumo de sua vida, especialmente sua transformação em cachorro, elemento fantástico que ultrapassa o simples efeito narrativo e assume significado simbólico, representando seu processo de amadurecimento, autoconhecimento e construção da identidade. Inspirado em *O asno de ouro*, de Apuleio, Ricardo Azevedo articula elementos da tradição clássica, do folclore brasileiro e do imaginário popular, construindo uma narrativa em que o fantástico convive com questões existenciais próprias da passagem da juventude para a vida adulta. O emprego do humor, do insólito e das referências culturais amplia as possibilidades interpretativas da obra, conferindo-lhe caráter polissêmico.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar a presença da metamorfose e da analepse em *O motoqueiro que virou bicho*, investigando de que maneira esses recursos narrativos contribuem para a construção da personagem Lúcio e para a representação de seu processo de formação humana. Justifica-se a escolha da obra pela relevância da produção literária de Ricardo Azevedo para a literatura brasileira contemporânea, especialmente no âmbito da literatura juvenil, bem como pela possibilidade de compreender a metamorfose não

apenas como transformação física, mas também como metáfora do desenvolvimento psicológico, moral e social do indivíduo.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter interpretativo, fundamentada em estudos sobre teoria da narrativa, especialmente o conceito de analepse, e em autores que discutem a metamorfose humana e a constituição da identidade. A análise busca demonstrar que os recursos narrativos empregados por Ricardo Azevedo ampliam os sentidos da obra, permitindo compreender a transformação da personagem como um percurso simbólico de formação e amadurecimento.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 A analepse em *O motoqueiro que virou bicho*

A analepse, mais conhecida pelo termo inglês *flashback*, consiste em uma retomada de acontecimentos passados no interior da narrativa. Embora o emprego da palavra *flashback* seja mais frequente na linguagem cinematográfica, sua utilização também se faz presente na literatura, sendo analepse o termo consagrado pela teoria literária para designar esse recurso narrativo.

Na narrativa literária ou cinematográfica, a analepse corresponde ao retorno a fatos anteriores ao momento em que a história está sendo narrada. Trata-se, portanto, de um fenômeno de anacronia, isto é, de uma ruptura da sequência cronológica dos acontecimentos.

Genette (1972), um dos principais estudiosos da narrativa, distingue duas modalidades desse recurso: a analepse interna, que não ultrapassa o momento inicial da história narrada, e a analepse externa, que retrocede a acontecimentos anteriores ao início da narrativa. O autor estabelece, ainda, que a analepse pode ser analisada segundo seu alcance, isto é, a distância temporal entre o momento da narrativa e o acontecimento rememorado, e sua amplitude, correspondente ao intervalo de tempo abrangido pela retrospectiva.

A estrutura narrativa de *O motoqueiro que virou bicho* aproxima-se dessa concepção, uma vez que o narrador relata acontecimentos vividos anos antes do momento da enunciação. Desde as primeiras páginas, o leitor compreende que os fatos narrados correspondem às recordações de Lúcio já adulto, que revisita um período decisivo de sua juventude. Assim, o passado não é apresentado como simples lembrança, mas como elemento estruturador da narrativa.

Além da classificação proposta por Genette, Nunes (1988) observa que o tempo narrativo não reproduz mecanicamente o tempo cronológico, mas o reorganiza segundo uma lógica própria da construção literária. A narrativa, portanto, rompe a linearidade dos acontecimentos para atribuir novos significados às experiências vividas pelas personagens.

Nessa mesma perspectiva, Ricoeur (1994) defende que a narrativa reconfigura a experiência temporal, permitindo que o passado seja constantemente reinterpretado à luz do presente. Assim, recordar não significa apenas recuperar fatos ocorridos, mas atribuir-lhes novos sentidos, decorrentes da experiência acumulada pelo narrador.

Observa-se que a narrativa é construída a partir da distância temporal entre o sujeito que viveu a experiência e aquele que agora a narra. Essa distância permite que o narrador atribua novos significados aos acontecimentos, característica fundamental da analepse.

Como recurso literário, a analepse é empregada com frequência tanto na narrativa em prosa quanto em textos poéticos de caráter narrativo, como os poemas épicos e dramáticos. Nos textos iniciados *in medias res*, como ocorre em *Os Lusíadas*, por exemplo, a retomada de acontecimentos anteriores desempenha papel fundamental na compreensão da narrativa. Sua função consiste em explicar situações do presente por meio da recuperação de fatos pretéritos, ampliando a compreensão do leitor acerca das motivações das personagens e da construção do enredo.

O cinema e o romance contemporâneo exploram amplamente essa técnica narrativa. Filmes como *Pulp Fiction* e *Reservoir Dogs*, de Quentin Tarantino, bem como romances de Vergílio Ferreira e António Lobo Antunes, apresentam frequentes deslocamentos temporais, reorganizando a narrativa por meio de sucessivas retrospectivas. Sob essa perspectiva, a analepse aproxima-se do processo psicanalítico da anamnese, entendido como a recuperação de lembranças aparentemente esquecidas. Torga chama a atenção para esse movimento ao afirmar: "Há um lance no exercício da profissão que sempre me apaixonou: a anamnese. O relato dos padecimentos feitos pelo doente à cordialidade inquisidora do médico" (*Diário X*, Coimbra, 1968).

O escritor português Mário de Carvalho, por sua vez, chega a parodiar o uso desse recurso narrativo ao afirmar:

Abra-se aqui uma analepse, que é a figura de estilo mais antiga da literatura, vastamente utilizada pelo bom do Homero (...). Os cineastas (...) estão candidamente convencidos de que foi o cinema que inventou a analepse, a que chamam flash-back..." (*Era Bom Que Trocássemos umas Ideias Sobre o Assunto*, 1995).

A analepse também pode ser compreendida como uma retrospectiva utilizada para resumir, revisar ou aprofundar acontecimentos passados no interior de uma obra artística. Quando um romance ou filme faz uso desse recurso, a narrativa desloca-se momentaneamente para um tempo anterior, retornando posteriormente ao presente da ação narrativa.

Um exemplo clássico encontra-se no filme *Titanic*, dirigido por James Cameron. A narrativa inicia-se no presente, quando uma idosa relata suas experiências a bordo do navio a um pesquisador de tesouros. A partir desse momento, desenvolve-se uma extensa retrospectiva que conduz o espectador ao passado, acompanhando toda a trajetória da personagem durante a viagem inaugural do Titanic. Somente ao final da narrativa ocorre o retorno ao tempo presente. As analepses caracterizam-se, ainda, por sua extensão. Algumas ocupam apenas breves passagens narrativas; outras estruturam praticamente toda a narrativa. Imagine-se, por exemplo, que a personagem principal de um romance anuncie que contará um acontecimento ocorrido dez anos antes. Se o autor dedicar várias páginas ao relato desse episódio antes de retornar ao presente narrativo, terá desenvolvido uma ampla analepse. Se, ao contrário, a retomada limitar-se a poucas linhas, tratar-se-á apenas de uma breve retrospectiva.

Na obra *O motoqueiro que virou bicho*, a analepse constitui um dos principais recursos estruturadores da narrativa. Lúcio, já adulto, rememora os acontecimentos vividos durante sua juventude, narrando suas aventuras de motocicleta e, sobretudo, a extraordinária experiência de sua transformação em cachorro.

A narrativa desenvolve-se, assim, a partir da alternância entre o presente da enunciação e o passado rememorado, permitindo que o protagonista interprete criticamente suas próprias experiências. Mais do que simples recordação, a analepse assume, na obra de Ricardo Azevedo, a função de reorganizar o passado à luz do amadurecimento da personagem, conferindo maior profundidade psicológica ao narrador e evidenciando o processo de construção de sua identidade.

1.2 A metamorfose em *O motoqueiro que virou bicho*

Segundo a etimologia, a palavra *metamorfose* vem do grego *μεταμόρφωσις* (*metamórphōsis*, "transformação"), formada pelos radicais *meta-* ("mudança") e *morphé* ("forma"), significando, literalmente, mudança de forma (PRIBERAM, s.d.).

A metamorfose é mudança; é o processo pelo qual algo existente se transforma em outra coisa. Trata-se da capacidade de transformação de um ser em outro estado de existência. No ser humano, a metamorfose pode ser física, mental, psicológica, emocional, conceitual, religiosa,

entre outras mudanças que podem ocorrer ao longo da vida. Em sentido figurado, representa uma mudança significativa, ou até radical, no caráter, no estado ou na aparência de alguém, isto é, uma transmutação física ou moral. Também pode ser compreendida como a capacidade de adaptar-se, reinventar-se e renovar-se diante das circunstâncias da existência.

Quando se fala em metamorfose, faz-se referência às mudanças que ocorrem na estrutura, na forma do corpo e, inclusive, na maneira de viver de alguns seres ao longo do seu desenvolvimento. Na Biologia, por exemplo, a lagarta transforma-se em borboleta, passando por fases distintas de desenvolvimento. Da mesma forma, na literatura, a metamorfose frequentemente simboliza mudanças existenciais e psicológicas, como ocorre em *A Metamorfose*, de Franz Kafka (1915), na qual Gregor Samsa desperta transformado em um inseto, representando também sua exclusão social e familiar.

Quando um organismo apresenta esse tipo de transformação física durante seu desenvolvimento, diz-se que possui desenvolvimento indireto. Já os seres humanos apresentam desenvolvimento direto, uma vez que não passam por metamorfoses biológicas dessa natureza. Entretanto, em sentido simbólico e psicológico, os seres humanos vivenciam constantes transformações físicas, morais, sociais e identitárias ao longo da vida.

No caso da personagem Lúcio, observa-se uma dupla metamorfose: física, ao transformar-se em cachorro, e moral, pelas mudanças de comportamento, amadurecimento e desenvolvimento de sua consciência. Sua transformação física funciona como um recurso narrativo que desencadeia profundas mudanças internas. À medida que enfrenta dificuldades, medos e desafios, Lúcio abandona atitudes impulsivas e egoístas, desenvolvendo maior empatia, responsabilidade e valorização das pessoas ao seu redor.

As mudanças não acontecem de forma repentina; ocorrem gradativamente, à medida que o indivíduo participa da sociedade, convive com outras pessoas e estabelece relações sociais. O ser humano influencia e é influenciado pelo outro. É na coletividade que surge a individualidade, modificando o mundo e recriando a si mesmo. A cada dia, ninguém permanece exatamente igual, pois novas experiências, aprendizagens e vivências promovem reflexões e conduzem a constantes renovações.

Nesse sentido, Bakhtin (2011) afirma que o sujeito constitui-se na relação com o outro, sendo a identidade resultado de um processo dialógico permanente. Do mesmo modo, Hall (2006) compreende a identidade como um processo contínuo de construção, nunca acabado, sendo constantemente modificada pelas relações sociais, culturais e históricas.

Campos cita Ciampa (2017, p. 2):

Quando afirmamos que identidade é metamorfose, movimento, estamos dizendo que o agir é constituinte do processo de humanização da pessoa, ou seja, entende-se a metamorfose humana como a progressiva e infindável concretização histórica do vir-a-ser humano, que se dá sempre como superação das limitações das condições objetivas existentes em determinadas épocas e sociedades.

No caso do personagem principal, Lúcio, ao ser transformado em cachorro após beber, por engano, uma poção preparada pela tia Dalva — uma feiticeira que mantinha seus poderes em segredo — e entregue por Conceição, empregada do tio, passa também a modificar gradativamente seus pensamentos e suas condutas. Sua pouca experiência de vida faz com que seja constantemente colocado à prova diante de inúmeros obstáculos, tornando cada desafio uma oportunidade de crescimento pessoal.

Em busca de aventuras e descanso, Lúcio viaja de motocicleta para Lorena, onde conhece Conceição e vivencia diferentes experiências. Movido pela curiosidade, depois de ouvir diversas histórias e lendas contadas pelos moradores da região, acaba ingerindo um líquido marrom por engano e transforma-se em cachorro. Essa mudança altera completamente sua condição física e inaugura uma jornada de autoconhecimento.

Durante a narrativa, enquanto procura uma forma de desfazer o feitiço, Lúcio encontra pessoas solidárias que o acolhem, como os professores aposentados da Universidade de São Paulo, que lhe proporcionam hospitalidade, boas conversas e fartos banquetes, além de dois padeiros generosos que lhe oferecem alimento e proteção. Por outro lado, enfrenta momentos de grande sofrimento, como quando é capturado pela carrocinha, quase é castrado por Renatão utilizando um enorme alicate e ainda presencia um sequestro.

Cada uma dessas experiências contribui para sua transformação interior, fazendo-o compreender o valor da liberdade, da amizade, da família e da responsabilidade. Ao final da trajetória, percebe que sua maior transformação ocorreu em seu modo de pensar e agir, muito mais do que em sua aparência física.

Essa mudança evidencia que a verdadeira metamorfose do personagem não consiste apenas na alteração de seu corpo, mas, sobretudo, na reconstrução de sua identidade. A experiência vivida faz com que abandone atitudes imaturas e passe a reconhecer a importância das escolhas e das consequências de seus atos.

Por isso, a metamorfose não se restringe às alterações corporais observadas na natureza, como ocorre com as borboletas. No ser humano, ela manifesta-se principalmente nas mudanças de valores, atitudes, sentimentos e formas de compreender o mundo. Evidentemente, também existe o desenvolvimento biológico — nascer, crescer, reproduzir-se e morrer —, embora nem sempre essas etapas ocorram da mesma maneira ou na mesma ordem para todos os indivíduos.

Desde a Antiguidade, a ideia de transformação acompanha o pensamento filosófico. Heráclito já afirmava que "tudo flui" (*panta rhei*), indicando que a mudança constitui a essência da existência. Sob essa perspectiva, a identidade humana nunca é definitiva, mas está em permanente construção.

Nesse sentido, o sujeito é compreendido como alguém em constante modificação, contrapondo-se às concepções que entendem a identidade de maneira estática. A metamorfose torna-se, assim, um caminho para a emancipação, pois permite ao indivíduo ressignificar sua própria existência diante das experiências vividas.

De acordo com Ciampa (2020, p. 32), em decorrência da realidade capitalista e das relações mercadológicas e humanas, "a metamorfose tornou-se uma condição de adaptação e ajustamento às convenções utilitaristas de existência e lógica da eficiência, típicas das economias liberais". Entretanto, o autor também defende que a metamorfose pode representar um movimento de emancipação quando possibilita ao sujeito romper identidades impostas e construir novas formas de existir.

Desse modo, a metamorfose, enquanto expressão da vida, implica compreender que cada trajetória humana materializa um complexo conjunto de relações sociais que estruturam projetos coletivos e individuais. São essas relações que conferem concretude às identidades por meio das pessoas e das instituições que atravessam a vida dos sujeitos.

Como afirma Ciampa (2005, p. 90), "Só se é alguém através das relações sociais. O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social". É, portanto, o mundo, estruturado por seus pressupostos, significados e sentidos, que oferece os elementos necessários para a construção das narrativas que organizam, transformam e modelam as metamorfoses humanas.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do estudo sobre o tema Metamorfose e Analepse em *O motoqueiro que virou bicho* proporcionou uma análise qualitativa sobre o uso das teorias literárias propostas nas aulas da disciplina Vertentes e Expressões da Literatura Portuguesa, do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP, campus de São José do Rio Preto, bem como de outras teorias encontradas como complemento deste trabalho.

Este estudo, ao analisar criticamente a obra *O motoqueiro que virou bicho*, de Ricardo Azevedo, demonstrou que a literatura é de grande importância para a formação humana e que

as mudanças são necessárias em todo o processo de desenvolvimento do ser humano. O ato de ler e conhecer novos autores torna-se imprescindível nesse processo de mutação física e psíquica do indivíduo, fazendo com que este se torne um ser humano autônomo, líder de si mesmo e capaz de desenvolver-se progressivamente em todos os aspectos de sua vida.

O estudo deixou claro que a metamorfose ocorre não somente no plano externo (físico), mas também no plano interno (mental), e que essa transformação interfere na construção do ser humano como um todo e na maneira como ele lidará com a tomada de decisões e com suas relações com o semelhante. Diferentemente do que é estudado na Biologia, na qual a metamorfose que ocorre nos animais refere-se às transformações físicas, no ser humano ela também abrange aspectos psicológicos, emocionais, sociais e morais.

Ficou evidente, neste trabalho, que o homem precisa do outro para estabelecer relações e construir sua própria existência, pois é um ser de relações. Por isso, a solidão, mesmo quando escolhida, pode causar sofrimento. O ser humano necessita compartilhar suas histórias, sofrimentos, angústias, alegrias e dores. Enfim, trata-se de um ser socioemocional. Nesse aspecto, assemelha-se aos animais que vivem em grupo, pois, embora em alguns momentos necessite ficar sozinho, na maior parte do tempo precisa conviver em sociedade.

As afirmações anteriores puderam ser constatadas ao longo de todo o trabalho.

Quanto à fundamentação teórica que serviu de subsídio para este estudo, observou-se que, entre os estudiosos da Psicologia, há consenso ao abordarem a metamorfose como processo de mudança e transformação, bem como ao tratarem da solidão e de seus reflexos na constituição da identidade humana.

Lúcio, como um representante figurativo da condição humana, ao deparar-se com pressões e mudanças, vê-se, muitas vezes, confuso, desejando fugir e isolar-se. Entretanto, ao final de sua trajetória, compreende que as transformações são necessárias para o amadurecimento e para que o indivíduo se torne a melhor versão de si mesmo.

REFERÊNCIAS

APULEIO. **O asno de ouro**. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 2019.

AZEVEDO, Ricardo. **O motoqueiro que virou bicho**. São Paulo: Moderna, 2012.

AZEVEDO, Ricardo. **Biografia**. Disponível em:
<https://ricardoazevedo.com.br/wp/wp/ricardo-azevedo/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CAMPOS, Alessandro Oliveira. Metamorfose humana e memória. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e172075, 2017. DOI: 10.1590/1807-0310/2017v29172075. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/pB4NKVY4dqVxVvqwK9nM5kf/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2005.

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. **Analepse**. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/analepse>. Acesso em: 25 jan. 2025.

EQUIPE EDITORIAL DE CONCEITO DE. **Analepse**: o que é, conceito e definição. *Conceito.de*, 2 nov. 2015. Disponível em: <https://conceito.de/analepse>. Acesso em: 25 jan. 2025.

GENETTE, Gérard. **Figures III**. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

PLOENNES, Camila. Elemento surpresa: Ricardo Azevedo retrabalha ficção que tem o início da vida adulta como um dos temas. **Revista Educação**, São Paulo, 3 jun. 2013. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2013/06/03/elemento-surpresa/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

PRIBERAM. Metamorfose. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/metamorfose>. Acesso em: 25 jan. 2025.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. O que é metamorfose? **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-metamorfose.htm>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SILVA, Dulcineia Moraes da. O processo da metamorfose humana. **Portal Educação**. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/o-processo-da-metamorfose-humana/56287>. Acesso em: 25 jan. 2025.